

Universidade Estadual de Campinas

Lana Raissa Maciel

**VIVÊNCIAS DE MULHERES LÉSBICAS E BISSEXUAIS E IMPACTOS NA
ATUAÇÃO DOCENTE: o que pensam/ sentem essas professoras sobre os olhares
alheios na profissão?**

Campinas

2019

Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação

Lana Raissa Maciel

**VIVÊNCIAS DE MULHERES LÉSBICAS E BISSEXUAIS E IMPACTOS NA
ATUAÇÃO DOCENTE: o que pensam/ sentem essas professoras sobre os olhares
alheios na profissão?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade
de Educação da Unicamp para a obtenção do título de
Licenciada em Pedagogia sob a orientação da professora
Dra. Heloisa Andrea de Matos Lins.

Campinas

2019

Ficha catalográfica Universidade
Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de
Educação
Rosemary Passos - CRB 8/5751

M187v Maciel, Lana Raissa, 1994-
Vivências de mulheres lésbicas e bissexuais e impactos na atuação docente : o que pensam/sentem essas mulheres sobre os olhares alheios na profissão / Lana Raissa Maciel. – Campinas, SP : [s.n.], 2019.

Orientador: Heloisa Andrea de Matos Lins.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Sexualidade. 2. Lesbianismo. 3. Docência. 4. Bissexualidade. I. Lins, Heloísa Andreia de Matos, 1974-. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Informações adicionais, complementares

Área de concentração: Educação

Titulação: Licenciado em Pedagogia

Data de entrega do trabalho definitivo: 13-12-2019

Agradecimentos

Agradeço a minha mãe por, de alguma forma, ter me estimulado a ser uma das primeiras a entrar em uma Universidade Pública. Agradeço às minhas terapeutas Carol e Juliana, se não fossem elas esses anos não teriam sido digeríveis. Agradeço também a todos os meus amigos que estiveram comigo dividindo os dias, em especial agradeço à Érica, Paola, Jheovany, Hugo, Carol e Pedro. Também sou grata à professora Heloisa pela calma e paciência no processo de orientação. E por fim agradeço a todas as mulheres que de alguma forma serviram de inspiração para o nascimento deste trabalho.

Haverá festa com o que restar.

Francisco Mallmann

RESUMO

O trabalho buscou mapear e analisar as vivências de duas professoras homossexuais e uma bissexual por meio de conversas sobre o cotidiano escolar, sua relação com os estudantes e os pares profissionais, a partir das questões envolvendo gênero e sexualidade. Também foi utilizada a entrevista de Lindsay Skinner, uma professora lésbica que falou sobre suas vivências ao jornal *The Guardian*. Através de uma concepção cartográfica de pesquisa (que se fundamenta num modo relacional de produção de dados, uma vez que não considera a neutralidade nos modos de perceber e buscar sentidos nos acontecimentos/ dados, por parte do (a) pesquisador(a) (COSTA, 2014)), compreender como as orientações sexuais ditas como “desviantes”, em uma sociedade heteronormativa, podem causar sofrimento ético-político a essas docentes, no cotidiano profissional e como isso se reflete em suas práticas docentes.

Palavras - chave: sexualidade, docência, lesbianidade e bissexualidade

SUMÁRIO

I. VÍSCERAS - UM CORPO LGBT NO MUNDO

MONÓLOGO, UM GRITO SOLITÁRIO E A BUSCA PELOS PARES: O
COMEÇO

.....7

AS VÍSCERAS AQUI, AGORA
RACIONALIZADAS.....18

II. MICROFONE ABERTO - DANDO VOZ ÀS OUTRAS PROFESSORAS.....

22

RESISTIR E TRANSGREDIR - A HETEROSSEXUALIDADE COMPULSÓRIA
E A VIVÊNCIA DE UMA SEXUALIDADE NÃO-
HETEROSSEXUAL..... 25

III. ENTRE O DITO E O NÃO DITO: O CURRÍCULO.....29

IV. DIVERSAS MAS NÃO DISPERSAS: RESISTÊNCIAS – QUANDO O
DIFERENTE
CONFORTA.....31

V. EU ESTOU SEMPRE SAINDO DO ARMÁRIO - REFLEXÕES
FINAIS.....
33

VI. REFERÊNCIAS.....
37

VII. ANEXOS.....39

CONVERSA COM
MARIELLE.....39

CONVERSA COM
BEATRIZ.....41

I. Visceras - Um corpo LGBT no mundo

Monólogo, um grito solitário e a busca pelas pares: o começo



- Eu tô sempre saindo do armário, colagem em papel cartão, 2019.

Ato I - Da sapatilha ao sapatão

O palco está vazio, exceto pela cadeira de madeira no centro.

Narradora (esta voz onipresente e astuta): é preciso começar.

Barulho de carros passando, buzinas e cadeiras se arrastando.

Narradora: É preciso começar. É preciso começar de algum lugar, mesmo que de fato já tenha começado.

A personagem entra no palco, veste uma espécie de vestido branco. Senta no chão, ao lado da cadeira.

É preciso começar. Desenhei um ponto de partida aqui (ela toca o peito). Eu deveria ter por volta dos onze anos. Chegava cansada junto com minha mãe do trabalho dela e me sentava para ver televisão. Lembro do dia em que vi o primeiro casal lésbico na televisão, Clara e Rafaela. Senti um misto de estranhamento e conforto. Foi como chegar numa casa nova, sem a mobília, em que você sabe que é sua, apesar de ainda não ter o teu toque.

A personagem tira uma fita vermelha e amarra no pulso. Levanta e senta na cadeira.

Foi na escola que me apaixonei pela primeira vez por uma garota. Ela era dois anos mais velha. Contei a dois professores. Um deles não se importou, disse que era uma fase. Outro pediu para eu apresentá-la a ele. Passávamos horas conversando e ele nunca colocou em cheque meus sentimentos. Foi um momento importante da minha vida. Hoje percebo que nunca me atentei à sexualidade dos meus professores. Exceto quando ela era dada como desviante. Lembro-me que na quinta série soubemos que um dos professores era gay. Uma das turmas começou a chamá-lo de viadinho e ele se retirou da sala. Não voltou naquele ano. Anos depois soube que agora ele até leva o namorado nas formaturas. Será que teremos que nos machucar tanto para que a sexualidade que foge à heterossexualidade caiba em sala de aula? Lembro também que alguém da escola soube que eu estava gostando dessa garota e desde então comecei a ser chamada de sapatão, sem nem saber o que era. De qualquer modo parecia ruim.

A narradora caminha até o centro do palco e grita: MAS COMO EU POSSO SER UMA COISA QUE EU NEM SEI O QUE É? COMO POSSO ACHAR RUIM ALGO QUE NEM CONHEÇO?

As luzes se apagam e o silêncio permanece por um minuto.

Ato II - Mas você não vai se vestir como homem, né?

As luzes se acendem, a personagem está sentada no chão

Passei grande parte da minha adolescência tentando gostar de garotos, me colocando em situações desgastantes para agradar minha família. Enquanto isso beijava as meninas da escola no banheiro. Nosso amor deveria ser invisível, mesmo que às vezes saltasse aos olhos. Uma vez achei um livro chamado “Adeus Maridos”. Li escondido nos horários de almoço do meu primeiro emprego.

Passei muito tempo me relacionando afetivamente com homens, até que depois de fazer muitos pares nos bailes da vida, e conhecer mulheres lésbicas que foram referências para mim, decidi que ia seguir o meu coração.

Trecho de “A Paixão de J.L”, dita enquanto as luzes estão apagadas.

São seis horas da tarde do dia 12, e eu acho que a maioria das pessoas tá completamente louca, sabe, com a situação do país. E eu acho o máximo, de repente, no meio desse heavy metal todo que é o mundo da gente, todo mundo lutando pela sobrevivência. Maior loucura total. Aí tem um cara que dedica seu tempo pra fazer uma obra de arte, uma coisa delicada, uma coisa amorosa, romântica, um coração, e coloca isso a público, entrega o coração dele nas mãos das pessoas, nos olhos das pessoas. (...) Tão louco o Brasil, né? Minha cabeça vai de um lado para o outro, de um lado pro outro, e eu não quero ficar louco, não. Eu quero ficar bem calminho. A única coisa que eu quero é trabalhar direito. Trabalhar direito e ver se eu encontro alguém pra dormir comigo.

As luzes se acendem, a narradora está sentada na cadeira novamente, agora mais perto da plateia

Mas você não vai se vestir como homem, né? Foi o que minha mãe disse quando contei a ela que gostava de meninas. O maior medo da minha mãe é que eu parecesse sapatão. Ela não se preocupou que naquele ano, ano de eleição, eu estive à flor da pele, tentando não soltar da mão de ninguém, com medo de morrer.

Ato III – As vozes que ecoam em mim

A narradora lê várias manchetes de jornais, enquanto a personagem traz ao centro da cena um balde cheio de tinta vermelha e começa a passar no vestido.

“Não vou combater nem discriminar, mas, se eu vir dois homens se beijando na rua, vou bater”, disse Bolsonaro depois que FHC posou com a bandeira gay em 2002. (<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1905200210.htm>)

O que esse pessoal tem para oferecer para a sociedade? Casamento gay? Adoção de filhos? Dizer que se seus jovens, um dia, forem ter um filho, que se for gay é legal? Esse pessoal não tem nada a oferecer.” (<http://g1.globo.com/politica/noticia/2011/03/estou-me-lixando-para-esse-pessoal-diz-bolsonaro-sobre-movimento-gay.html>)

“Não sou homofóbico. Não tenho nada a ver. Cada um faz o que quer com seu corpinho cabeludo entre quatro paredes. O que eles têm para me oferecer não interessa. Agora, eu não quero que o público LGBT crie currículo para as escolas públicas de primeiro grau.” (<http://g1.globo.com/politica/noticia/2011/03/estou-me-lixando-para-esse-pessoal-diz-bolsonaro-sobre-movimento-gay.html>)

“90% dos adotados vão ser homossexuais e vão ser garotos de programa deste casal” (referindo-se aos filhos adotados de casais homossexuais). (<https://www.youtube.com/watch?v=3yxvUIp8GnY>)

“Seria incapaz de amar um filho homossexual. Não vou dar uma de hipócrita aqui: prefiro que um filho meu morra num acidente do que apareça com um bigodudo por aí. Para mim ele vai ter morrido mesmo” disse em 2011, quando deu entrevista à Playboy. (<http://noticias.terra.com.br/brasil/bolsonaro-prefiro-filho-morto-em-acidente-a-um-homossexual,cf89cc00a90ea310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>)

Bolsonaro diz que vizinhos gays desvalorizam um imóvel

Ainda na entrevista de Playboy em 2011: **“Se um casal homossexual vier morar do meu lado, isso vai desvalorizar a minha casa ! Se eles andarem de mão dada e derem beijinho, desvaloriza”**(<http://noticias.terra.com.br/brasil/bolsonaro-prefiro-filho-morto-em-acidente-a-um-homossexual,cf89cc00a90ea310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>)

“O próximo passo será a adoção de crianças por casais homossexuais e a legalização da pedofilia”. “O Supremo extrapolou. Quem tem de decidir isso é o Legislativo, com a sanção do Executivo. Agiu por pressão da comunidade homossexual e do governo. Unidade familiar é homem e mulher.”
(<http://www.fabiocampana.com.br/2011/05/proximo-passo-sera-a-legalizacao-da-pedofilia%E2%80%9D-diz-bolsonaro/>)

“A sociedade é ofendida, a família é ofendida...” “A sociedade é conservadora. Eu considero agressivo”. “Lógico que me incomoda”. “Família gay não existe”.
(<https://www.youtube.com/watch?v=KL-eiuRZrDE>)

“Ensinar para a criança que ser gay é normal? Não!” “Eu não deixaria meu filho de 5 anos de idade brincar com o filho da mesma idade filho de um casal gay”.
(<https://www.youtube.com/watch?v=7ftFLFcQTQg>)

“Dá nojo. Esses gays e lésbicas querem que nós a maioria entubemos como exemplo de comportamento a sua promiscuidade... Nós não podemos nos submeter aos escárnio da sociedade”. (<https://www.youtube.com/watch?v=gNJKJLCPrT4>)

Não existe homofobia

“Não existe homofobia no Brasil” e “a sociedade brasileira não gosta de homossexuais”. Em entrevista ao apresentador Stephen Fry, Bolsonaro diz que país não tem filhos de orgulho gay e defende a passeata de orgulho hétero. “Bolsonaro é o típico homofóbico que eu encontrei por todo o mundo, com seu mantra de que gays querem dominar a sociedade, recrutar ou abusar das crianças. Mesmo em países progressistas como o Brasil, suas mentiras criam histeria coletiva entre os ignorantes, de onde a violência pode surgir e acabar em ataques brutais como o que matou Alexandre Ivo”. (https://www.youtube.com/watch?v=Hxh_laUnt3I)¹

As luzes se apagam, e ao voltar a personagem está sentada novamente na cadeira.

Eu lembro quando comecei a trabalhar com crianças. Elas me perguntavam: prô, você tem namorado? Você é casada? Cadê seu marido? E eu lembro de desconversar dizendo que não tinha tempo para essas coisas. Naquela época eu tinha uma namorada. Lembro

¹ Todas as falas foram retiradas de: <https://revistaladoa.com.br/2016/03/noticias/100-frases-homofobicas-jair-bolsonaro/> acessado em 9 de setembro de 2019

também que quando fiquei solteira as minhas amigas professoras diziam “olha aquele cara bonito, daria um bom namorado”. Eu sinto que não era por mal, mas a heterossexualidade tá aí, pressuposto. Lembro também que me senti solitária. Foi nessa época também que comecei a criar mais e a me fortalecer tendo por perto mais pessoas do público LGBT.

Hoje a maioria das pessoas com quem trabalho sabe da minha sexualidade, de como coloco o meu corpo no mundo, de como lido com os olhares alheios quando estou de mãos dadas com a mulher que amo. Torço para que um dia as crianças possam saber e que isso não seja algo tão chocante.

A personagem se levanta.

Gritaram-me sapatão

Para Marielle, Luana Barbosa, e todas as outras de nós que não estão vivas, mas estão presentes

tinha onze anos apenas,

apenas onze anos,

de repente umas vozes na rua

me gritaram: sapatão!

“por acaso sou sapatão?” perguntei

sim!

“que coisa é ser sapatão?

sapatão!

e eu não sabia o peso do olhar sobre o corpo

de uma mulher que ama

outra mulher

fancha, lésbica,

como eles diziam
caminhoneira e
com medo retrocedi
sapatão
como eles queriam? apenas como fetiche
sapatão
e odiei as mulheres por quem me apaixonei
odiei os beijos que imaginei e os filmes
que fiz em minha cabeça
e retrocedi de novo
só que agora ao centro do peito
quando conheci mulheres que amavam
outras mulheres e lutavam por esse amor
e transgredi.
sapatão? sapatão sim!
ainda que carga pesada
e como pesa!
mas nas minhas entranhas
ressoam aquelas que estiveram antes de mim
safo, cássia eller, marielle franco, luana barbosa
cassandra rios, audre lorde, tatiana nascimento
lésbica
e daí?

sapatão eu sou

sou sim.

(Poema inspirado em “Gritaram-me negra” de Vitoria Santa Cruz)²

As luzes se apagam e começa a tocar Iodo + Now Frágil - Luedji Luna

A personagem traz um balde à cena e começa a lavar seu vestido.

Me arde o sal

Me arde o sal

Me espalha o sal

Me espelha o mar

Me acolhe o mar

Me abraça o mar

Me afaga o mar

Me afoga o mar

Me afunda o mar

Me morre o mar

Me a funda dor

Fundo de nau

Funda turva escura dura

Funda dura tumba escura

Corta o vento cala chuva

Orí zonte é todo sal

² [1] <https://www.geledes.org.br/me-gritaron-negra-a-poeta-victoria-santa-cruz/> acessado em 21 de setembro de 2019

É todo longe

É todo mágua

É todo roubo

Colonial

Não há cura, morto tomba

(Dom esconde)

A pele escura

Egungun

Bom

(De voar)

E evadir

A turba alva

Aos tubarões

Y os porões

Do alto

Mergulhar

Y naufrágio

Y now frágil, frágil, frágil

O mágico da diáspora: Des

Membrar terra-chão

Mas se eu já fui trovão

Que nada desfez

Eu sei ser

Trovão

Que nada desfaz, nem

O capataz

Nem a solidão

Nem estupro corretivo contra

Sapatão

Os complexo de contenção

Hospício é a mesma coisa que presídio é a mesma coisa que

Escola é a mesma coisa que prisão que a mesma coisa de hospício

É a mesma coisa que

As políticas

Uterinas

De extermínio

Dum povo que não é

Reconhecido como civilização

(Mas eu sei ser trovão

E se eu sei ser trovão

Que nada desfez

Eu vou ser trovão

Que nada des

Faz)

Nem a solidão

Nem o capataz

Estupro corretivo contra

Sapatão a loucura da

Solidão capataz queimarem

A herança

De minhas

Ancestrais

Arrastarem

Cláudia

Pelo camburão

Caveirão

111 Tiros contra

5 Corps

111 Corps

Mortos

Eu sei ser trovão que nada

Nada

Desfaz

Na prisão

Eu sei ser trovão?

Que nada desfez?

Eu já fui trovão e se eu já fui trovão eu sei ser trovão!

Epahey oyá!

Eu sei ser

Trovão

E nada me desfaz.

As luzes se apagam e a voz da narradora - que agora é a mesma voz da personagem diz: agora eu convido todas as mulheres que também amam mulheres e se dedicam ao ato de educar a falarem.

As vísceras aqui, agora racionalizadas

Para falar da existência e da resistência da mulher lésbica é necessário, antes de tudo, falar da mulher em si e do que é esperado socialmente de seu gênero. Socialmente e culturalmente, espera-se que a mulher desempenhe determinados papéis e aja conforme acredita-se que ela deve se comportar: seja “afável”, “delicada”, “pronta para cuidar dos filhos e do marido”, por exemplo. Ao relacionar-se afetivamente com outra mulher, a lésbica transgride diversos papéis de gênero e abala, assim, eixos estruturantes da exclusão humana, engendrados há tempos: em torno do capitalismo, do colonialismo e do patriarcado (SANTOS e MARTINS, 2019).

Chego nesta pesquisa por sentir na pele que transgredir os padrões impostos pela norma gera um conflito, seja ele benéfico ou aquele em que há manifestações de preconceito que causam sofrimento ético-político, quando se nega a potência de liberdade e felicidade do ser humano (SAWAIA, 2003).

Sei há bastante tempo que me atraio romanticamente por mulheres, talvez há mais tempo do que quero ser professora. Embora haja muitas vezes a tentativa de manter a sexualidade fora da sala de aula ela, assim como tudo presente na vida, salta aos olhos, aparece. E ao trabalhar com as crianças, isso pode aparecer de forma considerada precoce, com perguntas do tipo: “*você tem namorado? Qual é o nome do seu marido?*” (já que é naturalizado a elas que nos relacionemos com pessoas do sexo oposto).

As relações afetivas aparecem também como um questionamento, mesmo que de maneira informal, entre os demais colegas professores e a gestão escolar. Embora os grupos LGBT tenham ganhado bastante visibilidade nos últimos tempos, a cultura da incitação à violência a tais grupos também aumentou, como afirma Guacira Lopes Louro (2008):

A visibilidade que todos esses novos grupos adquiriram pode ser, eventualmente, interpretada como um atestado de sua progressiva aceitação. Contudo, nem mesmo a exuberância das paradas da diversidade sexual, das feiras mix, dos festivais de filmes alternativos permite ignorar a longa história de marginalização e de repressão que esses grupos enfrentaram e ainda enfrentam. Não podemos tomar de modo ingênuo essa visibilidade. Se, por um lado, alguns setores sociais passam a demonstrar uma crescente aceitação da pluralidade sexual e, até mesmo, passam a consumir alguns de seus produtos culturais, por outro lado, setores tradicionais renovam (e recrudescem) seus ataques, realizando desde campanhas de retomada dos valores tradicionais da família até manifestações de extrema agressão e violência física. (LOURO, 2008, p.21)

Todos da escola são capazes de lidar com uma sexualidade que transgride aquilo que é visto como norma? Cheguei a tal questão ao me indagar, no ambiente em que estagio, se poderia ser sincera com as minhas colegas de trabalho sobre as pessoas com quem tenho envolvimento afetivo, quando questionada. Eu poderia dizer a elas que sou não sou heterossexual? Temi que elas reagissem de maneira negativa, como muitas vezes já ocorreu em outros círculos sociais. Temi também que a reação delas pudesse, de alguma forma, interferir na maneira que desempenho o meu trabalho. Neste sentido, é importante considerar:

Diante deste processo de longa duração no qual as lésbicas são inseridas desde que começam a construção de sua identidade pessoal, há uma ausência de referenciais positivos sobre si mesmas e uma ausência de significado do que é ser lésbica em cada uma das realidades em que a criança cresce e se forma, enquanto pessoa, cidadã e membra da comunidade e da família. Tal situação de isolamento, desamparo, desinformação e sistemáticas reprovações e retaliações, movidas por consecutivas tentativas de heterossexualização da lésbica, podem levar a uma condição de incapacidade de construção de uma autoestima positiva e estável. (PERES, 2018, p. 31)

Assim, peguei meu questionamento, guardei-o para dividi-lo com minhas colegas que também são lésbicas e professoras em formação. Elas relataram os mesmo anseios. Também encontrei uma artigo de Lindsay Skinner para o The Guardian, no qual ela afirmava ter anseios já sentidos por mim no tocante à profissionalidade/ subjetividade:

Como professora, quando você está rodeada de crianças ou adolescentes o dia inteiro, ser declaradamente homossexual pode ser bastante assustador. E nesse momento também havia as câmeras. Mas pronto, eu já havia dito que era lésbica e não havia como voltar. Eu queria, com todas as forças, que isso não fizesse

diferença para as crianças. Eu não necessito da aprovação deles, mas seria doloroso ser rejeitada pelos alunos.³

Diante deste processo de longa duração, no qual as lésbicas são inseridas desde que começam a construção de sua identidade pessoal, há uma ausência de referenciais positivos sobre si mesmas e uma ausência de significado do que é ser lésbica em cada uma das realidades em que a criança cresce e se forma, enquanto pessoa, cidadã e membra da comunidade e da família.

Com base nos dados encontrados na base Scielo e no Banco de Periódicos em buscas realizadas entre Setembro e Dezembro de 2018 pelas palavras-chave “lesbianidade”, professoras lésbicas” e “sexualidade”, encontrei dois trabalhos bastante relevantes: a tese de Maciel (2014) e a tese de Carvalho (2018) que me possibilitaram uma parte do meu embasamento teórico.

Além de ter sido motivada pela escassez de trabalhos sobre o tema, também decidi me dedicar sobre o assunto com o objetivo de dar voz às mulheres que assim como eu são lésbicas e professoras, combater estereótipos a respeito de como essas mulheres vivem suas sexualidades e também, possivelmente, mostrar ao mundo que seus modos de viver são igualmente válidos.

Neste contexto, cumpre lembrar que, segundo o dossiê “Lesbocídio - As Histórias que Ninguém Conta”⁴ publicado em 2017, foram registrados 54 mortes de lésbicas no Brasil. Houve um aumento de mais de 237% dos casos de 2014 para 2017. Ou seja, por mais que já se fale sobre os modos de viver a sexualidade fora da heterocentricidade, a violência física e emocional contra esses grupos ainda existe.

Com base no que já foi visto por Maciel (2014) e Carvalho (2018), o intuito deste estudo não é trazer um modo único de viver a sexualidade, mas sim dar voz às professoras através de entrevistas não diretivas para que elas falem de si. A heterossexualidade compulsória (RICH, 2012) se manifesta em sala de aula? Como as noções de norma e diferença são vividas na escola? Como tais noções afetam as professoras?

³ <https://www.geledes.org.br/quando-me-perguntam-professora-voce-e-lesbica-eu-respondo-que-sim/> acessado em 9 de Julho de 2019

⁴ <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/fontes-e-pesquisas/wp-content/uploads/sites/3/2018/04/Dossiê-sobre-lesbocídio-no-Brasil.pdf> acessado em 29 de Julho

Tendo como objetivos gerais entender como se dão as relações dentro e fora de sala de aula das professoras entrevistadas, com o exercício da docência e da vivência de relações não heterossexuais, busco entender como o gênero e a sexualidade têm sido vistos em sala de aula em tempos de retrocessos políticos. Dar voz a essas mulheres através das entrevistas não diretivas para que contem suas histórias, muitas vezes silenciadas ou tidas como significativas por fugir de padrões pré estabelecidos.

E como objetivos específicos observar como o gênero e a sexualidade refletem no cotidiano escolar das professoras; identificar se as há mal estar no exercício docente das professoras que são assumidamente não heterossexuais e contribuir para os debates LGBTQ atuais em tempos de retrocessos de direitos políticos.

A perspectiva metodológica adotada será a cartográfica, a partir das concepções dos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari. Partindo da geografia através de estudos de mapas, o conceito de cartografia como metodologia de pesquisa pretende tratar de territórios como o do afeto, da política, da subjetividade, da moral, entre outros, de acordo com Costa (2014). A cartografia preocupa-se mais com o processo e a sua criação do que com o resultado, opondo-se ao positivismo que caminha linearmente. Sendo assim, “a cartografia é uma figura sinuosa, que se adapta aos acidentes do terreno, uma figura do desvio, do rodeio, da divagação, da extravagância, da exploração” (OLIVEIRA, PARAÍSO, p.163, 2012).

A pesquisa será realizada através de duas conversas individuais entre a pesquisadora, e cada participante selecionada via Facebook. O critério de seleção adotado foi a escolha de um corpo diversificado de professoras, que atuem com diferentes faixas etárias e/ou disciplina. Foi elaborado um roteiro para o início da entrevista que certamente irá modificar-se em alguma medida, a partir da dinâmica dos encontros, ao longo das conversas.

Segundo Oliveira e Paraíso (2012) “é por encontros que o corpo da cartografia se define” e é através do mapeamento desses encontros de ideias, de expressões, reações e imagens, que será provocado um “deslocamento das ideias prontas, daquilo que está naturalizado, do “é assim mesmo”, do óbvio, sem surpresas, do que parece estar desde sempre já dado” (COSTA, p.74, 2014). As entrevistas serão transcritas e analisadas à luz do referencial teórico. Serão analisadas as convergências e pontos em comuns das narrativas.

Por fim, pretende-se elaborar o trabalho final utilizando também outras linguagens, como o desenho e a poesia e a colagem.

II. Microfone aberto - Dando voz às outras professoras



Matrioskas

à Sigrid Beatriz Varanis

minha avó disse uma vez

que os fios que ligam nós

mulheres são ancestrais

não sei se é verdade mas

sei que daria metade

do meu cordão umbilical

para ter a Frida Kahlo

na árvore da minha família

embora eu me esforce

para recuperar

nossa história

ainda sei que falta

especialmente do que vem

de mim e do suor que dedico

tentando me manter respirando

tentando construir uma história

nos escombros do mundo

não sei se o que sobra

do meu corpo é carne ou

coisas que me impuseram.

Escrevo para dar voz às outras mulheres, que assim como eu são professoras não heterossexuais. Escrevo para compor minhas histórias e passo a palavra à elas para que possam compor comigo.

Beatriz⁵ chegou por trocas artísticas e de trabalho. Ela que confecciona livros, eu que faço desenhos. Quando publiquei no facebook que buscava professoras que topassem contribuir com minha pesquisa ela prontamente se ofereceu a conversar comigo. Encontramos-nos em uma padaria. Mariana contou-me que dá aula de Artes e Literatura há nove anos. Considera-se *assumida* para os familiares e amigos, mas profissionalmente não. Diz ainda que “Eu sempre me considerei bi até ter um relacionamento hétero, que é o pai da

⁵ Todos os nomes são fictícios.

minha filha. Depois disso não passa mais pela minha cabeça me relacionar com um cara, mas eu não sei até que ponto isso se sustenta”.

Marielle tem 24 anos, acabou de formar-se no bacharelado em Geografia e está concluindo a licenciatura. Leciona no Estado desde o segundo ano de graduação. Atualmente mora com sua namorada, duas amigas e duas gatas. Conhecia-a por intermédio de uma amiga. Desta vez conversamos via skype, devido as demandas da vida que infelizmente não possibilitaram um encontro real com café e sorrisos presenciais. Marielle é “assumida” para a família, como contou em nossa conversa:

Me assumi para a família (pai, mãe e irmão) ainda muito cedo em relação a minhas amigas lésbicas, com 14 anos de idade. Eles não aceitaram muito bem no começo principalmente porque meus pais estavam em um processo complicado de divórcio, acreditaram que era uma forma que encontrei de chamar atenção. Com o passar do tempo, eles me aceitaram sem conflitos e é assim até hoje. Para os outros familiares (tias e tios, primos e afins), é algo recente e só ocorreu esse ano, também sem conflitos. De um modo geral, posso dizer que vivo em uma família que me acolhe e me apoia, realidade que não é muito comum no meio LGBTQ+.

Optei por conversas, em vez das entrevistas, como metodologia de pesquisa por entender que são nos encontros e no não previsto que há algo potente para a pesquisa e descoberta. Como afirma Alves (2018) citando Coutinho:

Pelo seguinte: o acaso está ligado a uma coisa chamada instante. A mim interessa o instante. Eu filmo presente, absoluto. No instante em que estou filmando há instantes dentro de instantes e, de repente, acontece uma coisa. Eu não sei se vai acontecer porque com a pesquisa não é possível prever. Então, quando acontece, isso é uma maravilha, se chama surpresa. Por que eu faria um filme se não fosse para ter surpresa? (p.54)

Tal reflexão cabe ao contexto aqui pesquisado, pois certamente haverá surpresas e lembranças de que apesar de sermos professoras não-heterossexuais e termos pontos de convergências, ainda existem inúmeras vivências distintas. Diante de tal contexto, com as entrevistas é possível dar voz às professoras e deixar que a vida brote para além das perguntas semeadas. Por fim, as conversas surgem também por sentir que algo potente poderia surgir dos causos cotidianos existentes em suas vozes. “Para nós, as conversas expressam tentativas de aproximação e de mobilização das relações vividas por esses

sujeitos nas escolas, na medida em que apostamos na atitude política de pensar com eles e não para ou sobre eles.” Alves (2018, pg. 54).

Resistir e Transgredir - A Heterossexualidade Compulsória e a Vivência de uma Sexualidade Não-Heterossexual

Assim como se é ensinado a ser menina (MORENO, 2003), a heterossexualidade também é aprendida. Nos livros didáticos, nos filmes, e a maior parte dos exemplos de sexualidade possuem a norma heterossexual e cisgênera. Maciel (2014) discorre sobre o assunto em sua obra, precursora nos debates sobre a vivência de uma docência não-heterossexual: “O que ainda perdura nos discursos sobre o sexo, inclusive na escola, são os modos de relacionamentos afetivos heterossexuais, que prevêm uma formação familiar monogâmica e entre os sexos opostos.” (pg. 58)

Marielle contou, durante a nossa conversa, situações em que a heterossexualidade compulsória causou-lhe incômodo, no sentido de que ela questionou-se ali se deveria ou não falar sobre sua sexualidade. Se ela fosse uma professora heterossexual isso certamente não aconteceria. Ela conta que

No primeiro dia que dei aula para o oitavo ano, meu cabelo não estava raspado, estava somente curto. Logo que entrei na sala, a PRIMEIRA pergunta foi se eu era lésbica. Não respondi porque estou em conflito ainda sobre contar ou não pros alunos mas sinto que em sala de aula quem cala consente (principalmente porque os professores heterossexuais falam abertamente sobre esposas, maridos e filhos), os estudantes já tiraram suas conclusões e definiram por mim, que quem estava a frente deles, **não era uma professora convencional** (grifo meu).

A fala dela também nos ajuda a pensar sobre o que a heterossexualidade espera de nossos corpos. Por ser o que a comunidade lésbica chama de “lésbica visível” houve um questionamento por parte dos alunos sobre a vida da professora. Logo, é possível observar que a heterossexualidade também pressupõe feminilidade.

Por outro lado, lembro-me da entrevista de Lindsay Skinner ao jornal The Guardian⁶, que li quando iniciei minha pesquisa. Skinner conta algumas de suas experiências como docente LGBT. Um dos fatos que ela narra é que mesmo sendo “feminina” a escola em que ela lecionava ainda cobrava que ela fosse menos visível.

Um dia, uma coordenadora me chamou em sua sala para me pedir para ser “menos lésbica”. Sério mesmo. Agora, como eu já sou uma lésbica que usa

⁶ <https://www.geledes.org.br/quando-me-perguntam-professora-voce-e-lesbica-eu-respondo-que-sim/>
acessado em 27 de Outubro de 2019

vestidos e salto alto, tem cabelo louro comprido e pinta as unhas, a única maneira de ser “menos lésbica” seria deixar de ser lésbica. Talvez fosse isso o que ela esperava.

Em ambas as falas é possível a pensar sobre como a dúvida se deve ou não se assumir, algo esperado somente das professoras não heterossexuais, tendo em vista que a heterossexualidade é a norma, o pressuposto, pode causar o que Sawaia (2003) chama de sofrimento ético político. Esse dilema também pode ocasionar a sensação de deslocamento e não-pertencimento. Lindsay Skinner conta que:

Como professora, quando você está rodeada de crianças ou adolescentes o dia inteiro, ser declaradamente homossexual pode ser bastante assustador. E nesse momento também havia as câmeras. Mas pronto, eu já havia dito que era lésbica e não havia como voltar. Eu queria, com todas as forças, que isso não fizesse diferença para as crianças. Eu não necessito da aprovação deles, mas seria doloroso ser rejeitada pelos alunos.

[...]

A recordação da primeira vez que um aluno me chamou de “sapatão de merda” ainda faz meu rosto se contorcer, então eu decidi que, enquanto a filmagem durasse, eu permaneceria no armário. Eram apenas alguns meses no acampamento de férias. Os garotos não precisavam conhecer minha orientação sexual para tentar melhorar seu comportamento e aprimorar seus conhecimentos de matemática. Mas esconder uma parte tão integral de mim ficava difícil quando meus colegas Mark, Ben, Dom e até o próprio Sr. Drew falavam abertamente de seus entes queridos. Então eu me referia à minha parceira como “uma pessoa” ao invés de “ela”, na esperança de que ninguém adivinharia. Você pode pensar que isso é ridículo na Grã-Bretanha do século 21. Mas esse mesmo conflito interno é sentido por professores de todo o país todos os dias.

Outra reflexão atrelada à heterossexualidade compulsória que surgiu nos encontros foi que por nossa sociedade por estar moldada em padrões heteronormativos e patriarcais enxerga-se a maternidade como algo somente concebido, na maior parte dos casos, por mulheres que se relacionam com homens.

Beatriz narra que:

“É, a questão da *passabilidade* sempre foi uma questão, e depois de me tornar mãe todo mundo pressupõe que eu sou hetero. Nem tem nem a possibilidade de não ser. É muito ruim ser tomado o tempo todo pelo que você não é.”

Swain (2012) em seu artigo sobre o texto de Rich (2012) discorre sobre tal fato:

Por outro lado, voltando à noção de dispositivo, o feminino é moldado em termos de um dispositivo amoroso, com a mesma amplitude e força contidas na significação dada por Foucault à categoria dispositivo. Enquanto mecanismo de

construção do humano, o dispositivo amoroso institui o feminino, dotado de um destino biológico que ordena, no imaginário social, que seu corpo sexuado se volte incontornavelmente para outrem, para o cuidado, para o dom e, sobretudo, para a necessidade do “amor”, vórtice da relação heterossexual para as mulheres. Nesse feminino “diferente” do masculino, não apenas a procriação, mas também a maternidade, que contém um sentido cultural específico à reprodução, são o objetivo maior. A maternidade compõe, dessa forma, a “natureza” feminina, completada pela companhia de um homem, que dá a essas mulheres presença, existência, força, vida e status. (p. 49)

Essas são questões que saltam aos olhos quando tratamos das consequências da heterossexualidade compulsória, ou seja, a dimensão mais superficial.

Ainda há consequências mais profundas desse modo de estruturar a sociedade. Para além do pressuposto de que homens e mulheres relacionam-se romanticamente e afetivamente entre si, a heterossexualidade muitas vezes reforça violências e a ideia de que os seres humanos são corpos sediados disponíveis (femininos) para outros (masculinos) (SWAIN, 2012).

Tal fato se comprova em situações de estupro corretivo, casamento forçado e até em casos mais graves como os de lesbocídio.

Há o emblemático caso de Luana Barbosa, negra, lésbica, periférica e mãe brutalmente morta pela PM.

Corre que eles vão matar a Luana”. Foi pelo aviso de uma vizinha que familiares de Luana Barbosa dos Reis Santos, 34 anos, começaram a entender o porquê dos gritos e tiros que tomaram a vizinhança, na noite de 08 de abril. Ao parar para cumprimentar um amigo que estava no bar na esquina da rua de sua casa, no bairro Jardim Paiva II, na periferia de Ribeirão Preto, Luana foi abordada e espancada por policiais militares e morreu cinco dias depois, em decorrência de uma isquemia cerebral causada por traumatismo crânio encefálico.⁷

O caso dela é atravessado por preconceito de classe, raça, gênero e sexualidade. Há depoimentos de seus familiares ao Ponte.org em que eles confirmam o racismo e a lesbofobia presentes no caso dela.

Mesmo falando que ela era mulher, eles continuaram a abordagem e quiseram revistá-la. Depois de agredida, falaram que ela ainda levantou a camiseta para mostrar que era mulher”, conta Roseli, em alusão à aparência “masculinizada” da irmã.

[...]

⁷ <https://ponte.org/a-historia-de-luana-mae-negra-pobre-e-lesbica-ela-morreu-apos-ser-espancada-por-tres-pms/> acessado em 27 de outubro de 2019 às 14h38min.

A Luana já tinha passado por preconceito antes, em uma festa com a namorada. Ela já tinha levantado a blusa uma vez pra mostrar que era mulher e não apanhar dos caras”, afirma Roseli.

Para ela, Luana foi vítima de lesbofobia. “Talvez aquela abordagem teria sido outra se ela se vestisse de maneira diferente e tivesse outra aparência. Ela dizia que não aguentava mais ser parada nas ruas daqui”.

Para Roseli, o primeiro preconceito que se mostrou se refere à identidade sexual da irmã.

“Ela pagou o preço por parecer um homem negro e pobre, ela foi abordada como outros homens da periferia são. Lésbica, negra e periférica com passagem pela polícia, ela já era considerada culpada”, afirmou a irmã.”

Neste trecho da entrevista volta a reflexão acerca da diferença das vivências entre as lésbicas que performam feminilidade e as que não o fazem. A heterossexualidade pressupõe corpos dóceis e femininos. Quando os corpos transgridem tal padrão eles incomodam e são considerados uma afronta.

Além do infeliz caso da Luana Barbosa, há também casos recentes de lesbofobia, como:

O caso da DJ espancada e morta por ser lésbica. A notícia conta que:

Dor e sensação de impunidade acompanham amigos e familiares da DJ Ana Karolina de Souza Santos, 19, assassinada brutalmente no último dia 28 de julho, em Fortaleza. Ela e outras três mulheres foram raptadas por um grupo de homens no Bairro Bonsucesso e espancadas com pedras e barras de ferro. Karolina não resistiu aos ferimentos. Segundo uma amiga da vítima, que terá sua identidade preservada por temer represálias, a jovem pode ter sido morta por homofobia (preconceito e atitudes criminosas contra homossexuais).⁸

Ou o caso de um casal de meninas mortas por homofobia. Segundo o site do G1:

O suspeito de matar duas jovens em Linhares, em 21 de setembro deste ano, cometeu o crime porque tinha preconceito contra o relacionamento amoroso entre as vítimas. A conclusão é do juiz da Primeira Vara Criminal do município, André Dadalto. O homem está preso desde o dia 11 deste mês, e a prisão foi convertida em preventiva nesta semana.

Meiryhellen Bandeira, de 28 anos, e Emilly Martins Pereira, de 21, passavam de moto pela rua Jânio Quadros, no bairro Novo Horizonte, quando foram atingidas pelas costas.⁹

⁸ <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2019/08/08/amigos-afirmam-que-dj-cearense-foi-espancada-e-morta-por-ser-lesbica.ghtml>

⁹ <https://g1.globo.com/espírito-santo/norte-noroeste-es/noticia/suspeito-de-matar-duas-mulheres-em-linhares-cometeu-crime-por-homofobia-diz-justica-no-es.ghtml>

Pensar nesses casos é importante para pensar na docência como um todo porque tais fatos ocorrem na sociedade e a sociedade não está separada da escola.

Pensando sobre isso é que chegamos na pergunta: a escola está preparada para lidar com a sexualidade em sala de aula? Beatriz e Mariella falaram sobre como elas sentiram tal questão enquanto lecionam e como o currículo das unidades de ensino em que lecionam e lecionaram abordava tais questões.

III. Entre o dito e o não dito: o currículo

Se é da escola que nasce o espaço público que queremos, é indispensável que se fale de igualdade de gênero sim! Que se fale de sexualidade, de respeito, de laicidade, de racismo, de LGBTfobia, de machismo. Pois falar sobre estes temas é se comprometer com a vida, em suas múltiplas manifestações. É se comprometer com o combate à violência e a desigualdade!

É mais do que urgente que esta casa não se cale sobre as vidas que são interrompidas dia-a-dia neste Município. Falar de igualdade de gênero é defender a vida!¹⁰

(Discurso escrito por Marielle Franco, lido por Tarcísio Motta)

Durante a conversa com as professoras, perguntei à elas sobre o currículo, se de alguma forma a sexualidade e a comunidade LGBT são abordadas em sala de aula. Neste ponto houveram divergências. Beatriz, que leciona para o Ensino Médio em escolas privadas conta que sim, já abordou tais questões em suas aulas:

L.: Alguma vez no currículo apareceu alguma questão sobre sexualidade e você teve que falar com eles sobre?

M.: Sim! Bom, em artes, quando chega modernismo. Aliás, depois, na década de 60 e em literatura também, principalmente a chave da homofobia. Trabalhar textos do naturalismo sem discutir homofobia é impossível.

Já Marielle, que leciona geografia em uma escola da rede pública conta que:

Eu dou aula para a rede pública estadual regida por João Dória que é o braço do Excretíssimo Presidente Jair Messias Bolsonaro aqui no Estado de São Paulo, então não, não há nada que mencione questões LGBT no currículo. No livro do aluno, no capítulo de ciências, há uma breve menção sobre o que é CIS, LGBT, Transgênero e o governador pediu para que recolhesse, pois não compactua com “ideologia de gênero”. No final das contas, os livros não foram recolhidos. Mesmo não estando em pauta, eu tento sempre falar sobre com os meus alunos em todas as possibilidades possíveis. Já ocorreu por exemplo de entenderem que não é bacana xingar o colega de “viadinho” ou “viado” e hoje quando isso ocorre, eles mesmos já se corrigem ou se repreendem entre si “viado não é xingamento”.

¹⁰ <https://revistaforum.com.br/politica/discurso-inedito-escrito-por-marielle-franco-e-lido-na-camara-dos-vereadores-do-rio/>

Neste sentido, João Dória e Bolsonaro jamais saberão que estou tentando trazer algum tipo de consciência para meus pequenos.

Vivências bastante distintas que podem aqui ser vistas como uma diferença ocasionada pela diferença nas disciplinas lecionadas ou pela diferença curricular entre escolas públicas e privadas. Apesar das diferenças entre ambas vivências, é possível dizer que sim, a sexualidade está presente em sala de aula, mesmo que em forma de currículo oculto, como veremos no capítulo adiante.

IV. Diversas mas não dispersas

Resistências – Quando o diferente conforta



Foto por Ana Carolina Haddad.

“Eu canto porque o instante existe
Se desmorono ou se edifico,
se permaneço ou me desfaço,
— não sei, não sei. Não sei se fico
ou passo.

Sei que canto. E a canção é tudo.

Tem sangue eterno a asa ritmada.”

Motivo - Cecília Meireles

Apesar do sofrimento ético-político, da incerteza de como a vida pessoal e uma vivência não normativa pode influenciar na carreira docente, ainda é possível colher frutos e servir como um acalanto aos estudantes que assim como essas professoras vivem uma sexualidade não heterossexual. No discurso de ambas é possível encontrar falas que mostram momentos em que elas serviram de abrigo e conforto. Marielle conta que:

Acho que cabe aqui, contar um causo. Substitui uma aula de geografia em um outro primeiro ano. Mesmo cenário: entrei em sala de aula, repararam em mim, me mediram e entenderam “Ah, sim, sapatão”. Nisso, uma aluna de 15 anos, vale dizer aqui – visivelmente sapatona, zero feminilidade - chegou em mim falando “Professora eu sei de você”. Eu fiquei pensando em como responder isso e respondi “Eu também sei de você!”. Esse diálogo ficou rolando em looping por uns 3 minutos, com “Eu sei que você sabe de mim” “Eu sei que você sabe que eu sei que você sabe de mim e eu sei de você” até a gente perder o fio da meada e ela estender a mão pra dar um high five e falar “**É nós**”.

Neste ponto voltamos a ideia da sexualidade visual transgressora, que se por hora ela causou desconforto e questionamentos, aqui ela aparece como uma chave, um ponto de abertura entre professora-aluna. Foi pela aparência que a aluna sentiu-se à vontade para falar com a professora, e possivelmente, ter em sua vida uma professora que seja semelhante à ela pode ser muito benéfico para a sua formação emocional.

Beatriz, em sua fala, também narrou um episódio em que ela serviu de exemplo/abrigo:

[...] Desde situações em que eu precisava falar que o mundo é mais plural e que nem todo mundo cai na heterossexualidade compulsória porque tinha uma questão ali, enfim, você sabe meio encarcerado, até salas em que metade da sala era obviamente gay e a sexualidade era um debate. Geralmente é assim, tem ex alunos que sabem, mas eu me assumi depois. Na verdade teve um único aluno que eu falei para ele quando eu era professora dele porque ele me procurou quando tava super mal porque tinha saído do armário para a mãe e estava super mal e eu achei que fazia sentido eu abrir.

Aqui o estudante não afirma que percebeu que a sexualidade da professora, contudo vê nela uma abertura para falar sobre si. Tais situações ajudam a ver na escola e nessas interações uma potência transformadora. Segundo Maciel (2018)

Nesse sentido, tenho pensado que a escola ainda é um lugar no qual aprendemos a sobreviver, pois ao mesmo tempo em que ela produz o problema, em que ela produz a homossexualidade ou a lesbianidade como um problema, em que ela

reproduz a ótica de segregação a partir das normalizações heterossexuais, ela também possibilita a transformação dos sujeitos, ela proporciona o espaço de embate, o tempo para que os sujeitos reavaliem seus posicionamentos, em que eles reconfiguram suas experiências negativas em algo produtivo.” (p. 98)

A professora Skinner também narra momentos em que serviu de amparo para os estudantes:

Acho que eu normalizei a homossexualidade para eles. Eu não sou a professora lésbica: eu sou uma professora que calha de ser lésbica. Ninguém está nem aí. Ou, pelo menos, é o que parece. Mas quando se escava um pouco, descobre-se um grupo de alunos e adultos para quem, sim, isso importa: a menina que está descobrindo se é bissexual na oitava série; o garoto no último ano do Ensino Médio que acabou de sair do armário; o aluno transgênero no segundo ano do EM; a funcionária da limpeza que tem uma filha que acabou de ir morar com a namorada. Todas essas pessoas passam a se sentir mais seguras e aceitas porque eu saí do armário, estou bem e sou aceita. Não há dúvidas de que ter uma professora que é declaradamente homossexual na escola é valiosíssimo quando se discute diversidade e se combate a homofobia.

Tal fala também reforça a ideia de ter uma docente não heterossexual faz parte do currículo oculto, pois leva, de alguma forma, à comunidade LGBTQI para a sala de aula e consequentemente ajuda à fomentar o debate acerca dos direitos da comunidade e do combate à homofobia.

V. Eu estou sempre saindo do armário - Reflexões finais

Enquanto estivermos em uma sociedade estruturada da maneira atual, patriarcal e heterocisnormativa, tudo o que transgride a norma terá que ser justificando e explicado de alguma forma. Ainda mais se levarmos em conta o contexto político atual, que desde de aproximadamente 2011 vem reforçando cada vez mais a ideia de que gênero e sexualidade devem estar ausentes da sala de aula. Um dos maiores exemplos de tal situação é a *demonização* do Kit Anti-Homofobia que surgiu em 2011 com o programa Escola sem Homofobia e ganhou mais evidência em 2015, sendo desta vez intitulada e fortemente combatida pelo atual presidente Jair Messias Bolsonaro. Este, que inclusive teve a campanha alavancada por mentiras em torno desta medida de combate à homofobia, sem ao menos permitir que a população tomasse conhecimento do conteúdo do Kit. Tal atitude evidencia uma tentativa de controle dos corpos. Cesar (2017) discorre sobre o assunto:

Os movimentos conservadores do presente colocam o corpo e a sexualidade em cena de modo extremamente conservador, combatendo todas as interpretações sociológicas, antropológicas e filosóficas do corpo, do sexo e do gênero), Foucault demonstrou com seu conceito de “dispositivo da sexualidade” que a sexualidade, na modernidade, se tornara um dispositivo de controle de corpos e populações, fazendo com que o Estado penetrasse em todos os recônditos da vida para melhor controlá-la. Por certo, a noção de dispositivo da sexualidade não oferece subsídios suficientes para analisar de maneira abrangente este fenômeno no Brasil, mas ele ao menos indica a prevalência da sexualidade e do controle dos corpos no campo da política de Estado. (grifo meu) (p. 143-144)

O Brasil é um dos países com o maior índice de violência contra a população LGBTQI, além do significativo índice de desigualdade de gênero (CESAR, 2017) e a bancada evangélica e demais grupos conservadores corroboram para que este cenário se mantenha ou até mesmo piore. O cenário político conservador atual só foi possível devido a uma contexto cultural favorável que se construiu secularmente, inclusive dentro da escola.

Estudar sobre tais modos de viver o gênero, a sexualidade, a docência e as novas configurações familiares ajudam na construção naturalização de corpos e afetos dissidentes..

Conversar com Beatriz e Mariella possibilitou uma escuta diferente da sala de aula, pois, permitiu a reflexão que mesmo todas nós sendo LGBTQI, a vivência docente pode ser distinta. Há uma bagagem social, sendo ela raça, classe e corpo/modo como nos colocamos no mundo. Entretanto, há pontos de convergência.

Mesmo quando a sexualidade não está explícita no currículo escolar, ela aparece em sala de aula. Assumir sexualidades ditas como desviantes pode causar mal estar docente, como foi visto em algumas falas das entrevistas e em especial na entrevista da professora Lindsay Skinner. Mesmo a sociedade tendo avançado em se tratando dos direitos LGBTQIs, ainda há preconceito (LOURO, 2008) principalmente pelo fato da escola estar presa à padrões heteronormativos (MACIEL, 2017), de como as professoras devem ser fisicamente, como devem portar e até mesmo como a maternidade é vista como um acontecimento heterossexual (ver entrevista de Beatriz).

Apesar do mal estar ocasionado, é possível ter avanços e colher frutos no contexto micropolítico, nas relações estabelecidas entre pares de trabalho e nas relações professora-alunos, que muitas vezes vêem nestas mulheres uma possibilidade de reconhecimento e identificação. Ocupar os espaços escolares, falar e viver sexualidades dissidentes é importante na busca por uma sociedade igualitária, no combate ao preconceito e violência contra a população LGBTQI.

Na busca de criar contra-hegemonias, diante do contexto macropolítico, trazer sexualidades ditas como desviantes da norma é um ato de resistência, uma busca por um currículo que realmente abarque as diferenças. Louro (2004) fala sobre um currículo e uma pedagogia queer que rompa com os binarismos homo/heterossexual, ideia que pode ser um ponto de partida para futuras discussões acerca de mudanças curriculares (seja no currículo explícito ou no oculto):

A diferença deixaria de estar lá fora, do outro lado, alheia ao sujeito, e seria compreendida como indispensável para a existência do próprio sujeito: ela estaria *dentro*, integrando e constituindo o eu. [...] Ao se dirigir para os processos que produzem as diferenças, o currículo passaria a exigir que se prestasse atenção ao jogo político aí implicado: em vez de meramente contemplar uma sociedade plural, seria imprescindível dar -se conta das disputas, das negociações e dos conflitos constitutivos das posições que os sujeitos ocupam. (p.549)

Faz-se necessário reafirmar outros jeitos de viver os afetos como campo fundamental para as práticas pedagógicas de fortalecimento do Estado de direito. Para que, como foi visto neste trabalho, as professoras e professoras não tenham receio de viver e demonstrar

sua orientação sexual e afetiva, evitando o sofrimento ético-político àqueles que desviam da norma. Até que um dia consigamos progredir para um sociedade não heteronormativa.

Enquanto isso não for possível, as pessoas que vivem sexualidades, desejos e afetos não heterossexuais terão que estar constantemente "saindo do armário" (ou continuar a “desaparecer!”). Do mesmo modo, docentes - de qualquer orientação sexual - precisam assumir um compromisso ético-político diante das diferenças e defendê-las como um campo estruturante de um currículo centrado na compreensão ampla e irrestrita sobre os Direitos Humanos, ou seja, no dizer de Tiburi (2018), direitos para “todos, todas e todes”!

VI.Referências Bibliográficas

ALVES, Alê. **A história de Luana: mãe, negra, pobre e lésbica, ela morreu após ser espancada por três PMs.** Disponível em: <<https://ponte.org/a-historia-de-luana-mae-negra-pobre-e-lesbica-ela-morreu-apos-ser-espancada-por-tres-pms/>>. Acesso em: 29 out. 2019.

BALIEIRO, Fernando de Figueiredo. **“Não se meta com meus filhos”: a construção do pânico moral da criança sob ameaça.** Cad. Pagu, Campinas , n. 53, e185306, 2018 Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332018000200406&lng=en&nrm=iso>. Acesso em Out. 2019. Epub June 11, 2018.

CESAR, Maria Rita de Assis; DUARTE, André de Macedo. **Governo e pânico moral: corpo, gênero e diversidade sexual em tempos sombrios.** Educ. rev., Curitiba , n. 66, p. 141-155, Dec. 2017 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602017000400141&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 30 Oct. 2019. COSTA, Luciano.

Cartografia: uma outra forma

de pesquisar. Revista Digital do LAV - Santa Maria - vol. 7, n.2, p. 66-77 - mai./ago.2014.

CARVALHO, Tatiana. **Professoras lésbicas na Educação Básica de São Paulo: rupturas e construção de visibilidades,** 2018, tese de Doutorado - FE - USP.

FÓRUM. **Discurso inédito escrito por Marielle Franco é lido na Câmara dos Vereadores do Rio.** 2018. Disponível em: <<https://revistaforum.com.br/politica/discurso-inedito-escrito-por-marielle-franco-e-lido-na-camara-dos-vereadores-do-rio/>>. Acesso em: 29 Out. 2019.

G1 ES (Espírito Santo). **Suspeito de matar duas mulheres em Linhares cometeu crime por homofobia, diz Justiça no ES.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/espírito-santo/norte-noroeste-es/noticia/suspeito-de-matar-duas-mulheres-em-linhares-cometeu-crime-por-homofobia-diz-justica-no-es.ghtml>>. Acesso em: 31 out. 2019.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho. Ensaio sobre sexualidade e teoria queer.** Belo Horizonte:Autêntica, 2016.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas.** *Pro-Posições* [online]. 2008, vol.19, n.2, pp.17-23. ISSN 1980-6248.

LOURO, GUACIRA LOPES. **Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação**. Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2001000200012&lng=en&nrm=iso. access on 13 Dec. 2019.

MACIEL, Lana. **Esôfago**. Bragança Paulista - Sp: Editora Urutau, 2017. 58 p.

MACIEL, Patrícia Daniela. **Lésbicas e professoras: modos de viver o gênero na docência**. 2014 178 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação

MACIEL, Patrícia Daniela. **Lésbicas e Professoras: o Gênero na Docência**. Pelotas: Appris, 2018. 197 p. em Educação. Faculdade Educação. Universidade Federal de Pelotas, 2014.

MEIRELES, Cecília. **Cecilia de bolso: uma antologia poética**. Porto Alegre: L&PM, 2009.

MORENO, M. **Como se ensina a ser menina**. São Paulo: Moderna, 1999.

NAVARRO-SWAIN, T. **Desfazendo o "natural": a heterossexualidade compulsória e continuum lésbiano**. Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades, v. 4, n. 05, 27 nov. 2012.

OLIVEIRA, Thiago; PARAÍSO, Malucy. **Mapas, dança, desenhos: a cartografia como método de pesquisa em educação**. Revista Pro-Posições, v. 23, n. 3 (69), p. 159-178, set./dez. 2012.

PERES, Milena Cristina Carneiro. **Dossiê sobre lesbocídio no Brasil : de 2014 até 2017** / Milena Cristina Carneiro Peres, Suane Felipe Soares, Maria Clara Dias. – Rio de Janeiro: Livros Ilimitados, 2018.

RICH, A. **Heterossexualidade compulsória e existência lésbica**. Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades, v. 4, n. 05, 27 nov. 2012.

SAWAIA, B. B. **Fome de felicidade e liberdade**. In Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Ed.), *Muitos lugares para aprender* (pp. 53-63). São Paulo, SP: CENPEC/ Fundação Itaú Social/ Unicef., 2003

SKINNER, Lindsay. **“Quando me perguntam ‘Professora, você é lésbica?’, eu respondo que sim”**. 2015. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/quando-me-perguntam-professora-voce-e-lesbica-eu-respondo-que-sim/>. Acesso em: 26 Out. 2019.

TIBURI, Márcia. **Feminismo em comum: Para todas, todes e todos**. SP: Editora Record, 2018.

VII. Anexos

Conversa com Marielle

L.: Fale-me sobre sua sexualidade, como você se define ou se não se define e porque, se é assumida ou não.

M.: Eu me declaro uma mulher cis lésbica que em outras palavras quer dizer que sou uma mulher que me identifico com o meu gênero biológico e que me relaciono afetivamente e sexualmente com outras mulheres. Me assumi para a família (pai, mãe e irmão) ainda muito cedo em relação a minhas amigas lésbicas, com 14 anos de idade. Eles não aceitaram muito bem no começo principalmente porque meus pais estavam em um processo complicado de divórcio, acreditaram que era uma forma que encontrei de chamar atenção. Com o passar do tempo, eles me aceitaram sem conflitos e é assim até hoje. Para os outros familiares (tias e tios, primos e afins), é algo recente e só ocorreu esse ano, também sem conflitos. De um modo geral, posso dizer que vivo em uma família que me acolhe e me apoia, realidade que não é muito comum no meio LGBTQ+.

L.: As crianças e os pares de trabalho já lhe perguntaram sobre sua sexualidade?

M.: Me formei em geografia ano passado, mas lecionei em 2015 como categoria O, acho que nesse ponto vale a pena comparar o meu primeiro ano enquanto professora e esse meu momento agora.

Em 2015, eu era muito feminina (isso pensando em relação a maquiagem, vestidos, cabelo longo, salto etc etc) e eu lembro que ir assim para a escola, foi uma forma de justamente evitar qualquer tipo de comentário ou questionamentos sobre a minha sexualidade, tanto por parte de professores como por parte de alunos, ao mesmo tempo que essa feminilidade exacerbada, era uma forma que encontrei de parecer uma mulher super mais velha e confiante, preparada, experiente... Eu ainda estava no segundo ano da faculdade e não queria nada “atrapalhando” meu desenvolvimento enquanto professora.

Atualmente, sou o que o meio lésbico chama de “visivelmente lésbica”, tenho cabelo raspado, pelos, não uso maquiagem e isso muda completamente a vivência que tive em sala de aula em 2015 e agora em 2019.

Dou aula para 3 anos diferentes: 6ª e 8ª série do ensino fundamental e 1º ano do ensino médio e as vivências em sala de aula, quanto a minha sexualidade, são extremamente diferentes.

No primeiro dia que dei aula para o oitavo ano, meu cabelo não estava raspado, estava somente curto. Logo que entrei na sala, a PRIMEIRA pergunta foi se eu era lésbica. Não respondi porque estou em conflito ainda sobre contar ou não pros alunos mas sinto que em sala de aula quem cala consente (principalmente porque os professores heterossexuais falam abertamente sobre esposas, maridos e filhos), os estudantes já tiraram suas conclusões e definiram por mim, que quem estava a frente deles, não era uma professora convencional. Uso a palavra convencional, pela reação dos alunos todas as vezes que entro em sala de reafirmar o como eu sou uma professora diferente das outras. Mesmo estando neste ambiente que pode parecer desconfortável, não foi. Alguns alunos são também assumidos lésbicas, gays ou bissexuais, então isso de ser “diferente das outras professoras”, soava algo como “Olha só, eu me identifico com essa professora”.

Essa relação muda quando falo das sextas séries por exemplo. O primeiro dia de aula, fiz uma atividade onde eles poderiam fazer perguntas para que eu tirasse dúvidas sobre coisas relacionados a geografia. A atividade deu muito certo, correu do jeito que eu imaginava, perguntaram sobre o porquê de o céu ser azul, por que chove etc. etc. As perguntas eram anônimas e isso deu espaço para eles perguntarem se eu sabia explicar o que era LGBT ou o que era ser uma pessoa LGBT e se tinha como saber se uma pessoa era LGBT só pela roupa. Achei meio óbvio que a pergunta era relacionada a mim ao mesmo tempo que não era diretamente sobre mim. Com o passar do tempo, eles começaram a perguntar coisas diretamente a mim, como “Qual o nome do seu marido”, “Quantos filhos você tem”, ou se eu era casada. Respondia sem prolongar muito “não tenho marido, não tenho filho, não sou casada”.

O primeiro colegial, é outra abordagem. Eles não perguntaram, eles já falavam comigo na certeza, perguntando coisas do tipo “Professora, você e sua namorada já viajaram para fora do país?” perguntas que na verdade era sobre outro assunto, mas incluindo aí uma personagem que nunca contei da existência que eles inseriram de forma óbvia.

Acho que cabe aqui, contar um caso. Substitui uma aula de geografia em um outro primeiro ano. Mesmo cenário: entrei em sala de aula, repararam em mim, me mediram e

entenderam “Ah, sim, sapatão”. Nisso, uma aluna de 15 anos, vale dizer aqui – visivelmente sapatona, zero feminilidade - chegou em mim falando “Professora eu sei de você”. Eu fiquei pensando em como responder isso e respondi “Eu também sei de você!”. Esse diálogo ficou rolando em looping por uns 3 minutos, com “Eu sei que você sabe de mim” “Eu sei que você sabe que eu sei que você sabe de mim e eu sei de você” até a gente perder o fio da meada e ela estender a mão pra dar um high five e falar “É nós”.

Essa “naturalidade” de tratar minha sexualidade, não é algo que os professores sabem ter. Eles parecem que estão O TEMPO TODO tentando não dar uma bola fora. Hoje mesmo, a coordenadora – por alguma razão desconhecida, levou o periquito dela para a escola. E por alguma razão mais desconhecida ainda, entraram no assunto se o periquito era um periquito ou uma periquita e aí pronto né? Até que uma professora fala, “Mas a gente tem que respeitar, porque vai que é um periquito trans?” E nisso toda a sala de professor olhou pra mim como se eu estivesse prestes a explodir e apontando alguma atitude homofóbica, sei lá. Nunca me perguntaram diretamente. Só duas coisas ocorreram diretamente focadas em mim: Uma professora que tem uma filha lésbica e uma bissexual, mostrando fotos dela pra ver se eu tinha interesse e essa mesma professora, num dia de confraternização que acabou bebendo um pouco a mais, dizendo que ela também sai com mulheres. “Também saio com mulheres” é obviamente uma identificação de que temos algo em comum, algo esse que eu nunca confirmei.

L: Na escola em que você leciona há no currículo menções a questões relacionadas às questões LGBT?

M.: Eu dou aula para a rede pública estadual regida por João Dória que é o braço do Excelentíssimo Presidente Jair Messias Bolsonaro aqui no Estado de São Paulo, então não, não há nada que mencione questões LGBT no currículo. No livro do aluno, no capítulo de ciências, há uma breve menção sobre o que é CIS, LGBT, Transgênero e o governador pediu para que recolhesse, pois não compactua com “ideologia de gênero”. No final das contas, os livros não foram recolhidos. Mesmo não estando em pauta, eu tento sempre falar sobre com os meus alunos em todas as possibilidades possíveis. Já ocorreu por exemplo de entenderem que não é bacana xingar o colega de “viadinho” ou “viado” e hoje quando isso ocorre, eles mesmos já se corrigem ou se repreendem entre si “viado não é xingamento”. Neste sentido, João Dória e Bolsonaro jamais saberão que estou tentando trazer algum tipo de consciência para meus pequenos.

Conversa com Beatriz

L.: Você se considera “assumida”?

M.: Eu acho que de uns dois anos para cá bem mais, mas profissionalmente não.

L.: Você se considera lésbica ou bi?

M.: Essa é uma grande questão na verdade. Eu sempre me considerei bi até ter um relacionamento hétero, que é o pai da minha filha. Depois disso não passa mais pela minha cabeça me relacionar com um cara, mas eu não sei até que ponto isso se sustenta.

L.: Você é professora há quanto tempo:

M.: Nove anos.

L.: Alguma vez você sentiu que a sexualidade fez parte de alguma aula. Você sentiu que em algum momento teria que falar sobre isso? Você sentiu que de alguma forma aquilo estava ali.

M.: Ah, sim, principalmente em ensino médio. Desde situações em que eu precisava falar que o mundo é mais plural e que nem todo mundo cai na heterossexualidade compulsória porque tinha uma questão ali, enfim, você sabe meio encarcerado, até salas em que metade da sala era obviamente gay e a sexualidade era um debate. Geralmente é assim, tem ex alunos que sabem, mas eu me assumi depois. Na verdade teve um único aluno que eu falei para ele quando eu era professora dele porque ele me procurou quando tava super mal porque tinha saído do armário para a mãe e estava super mal e eu achei que fazia sentido eu abrir. Obviamente não deve ter ficado só com ele a informação, adolescente, deve ter passado para frente, mas nunca foi uma questão. Dependia muito do perfil da turma, mas já aconteceu de eu pensar “tá, esses aqui sacaram”. Mas nunca foi verbalizado.

L.: Você é professora de artes ou de português?

M.: De artes e Literatura;

L.: Alguma vez no currículo apareceu alguma questão sobre sexualidade e você teve que falar com eles sobre?

M.: Sim! Bom, em artes, quando chega modernismo. Aliás, depois, na década de 60 e em literatura também, principalmente a chave da homofobia. Trabalhar textos do naturalismo sem discutir homofobia é impossível.

L.: Você sente que já sofreu preconceito? Não só por alunos, os pares de trabalho no geral, você sentiu algum incômodo? Mesmo que não verbalizado?

M.: Já senti muitas situações desconfortáveis por ser mulher, por ser lésbica não. Até porque como eu nunca fui assumida...

L.: Aí entra uma questão das feminilizadas ou não né. Eu acho que a gente passa menos por situações desconfortáveis porque é mais fácil pressupor a heterossexualidade.

M.: É, a questão da passabilidade sempre foi uma questão, e depois de me tornar mãe todo mundo pressupõe que eu sou hetero. Nem tem nem a possibilidade de não ser. É muito ruim ser tomado o tempo todo pelo que você não é.

L.: Eu sinto que acontece muito isso com meninas e mulheres que tiveram filhos e depois se relacionaram só com mulheres. “Ah, você se decepcionou com homens, por isso que agora só fica com mulheres”.

M.: Tanto é que agora quando alguém tece qualquer espécie de estranhamento eu falo “na verdade o único ponto fora da curva de toda a minha vida afetiva e sexual foi o Bruno. O resto eram só mulheres.

L.: Você sente que agora, com esse contexto político, você precisa se colocar mais? Como uma mulher que se relaciona com mulheres?

M.: Sim, na única vez que virei para o meu pai e disse “eu sou sapatão” foi no período da eleição.

L.: Comigo também, foi bem intenso.

M.: Ela já desconfiava?

L.: Sim, foi muito curioso, porque eu contei pra ela e ela pareceu surpresa. Mas desde criança ela jogava um verde. “Ah, essa menina com quem você está saindo não é só sua

amiga não, né?” Enfim, era isso mesmo. Acho que a idéia era ver como isso (a sexualidade) aparecia para você.